

“O Estado precisa incentivar com benefícios o campismo”

Pesquisador e autor de guia online de campings, Marcos Pivari expõe em entrevista à FETHESP como essa forma de turismo pode contribuir com o desenvolvimento e gerar emprego e renda no Brasil

O campismo é uma modalidade de turismo e lazer que possui milhões de adeptos no mundo todo e consiste em viajar transportando o próprio abrigo para suprir a necessidade de proteção, proporcionando ao praticante, entre outras coisas, proximidade com a natureza. Ao mesmo tempo em que fornece uma alternativa para a sociedade cada dia mais urbana, essa atividade também atrai praticantes por atender a anseios inerentes do ser humano, como a liberdade, a recreação e o distanciamento da agitação.

Em países da Europa e nos Estados Unidos, por exemplo, o campismo faz parte da cultura da população e conta com ampla infraestrutura, o que contribui para a movimentação do turismo entre as cidades. No Brasil, apesar de essa importante ferramenta turística não ser tão comum, há quem faça dela um estilo de vida. É o caso do arquiteto Marcos Pivari, 35, criador do Portal MaCamp (www.macamp.com.br), um guia online de campings do Brasil com informações diversas sobre a prática do campismo.

Barracas, trailers e natureza são elementos presentes e inseparáveis em sua vida desde a infância, tendo sido criado pelos pais no ambiente aberto proporcionado pelos acampamentos. No decorrer dos anos tomou cada vez mais gosto pela atividade e passou a acampar por conta própria, guardando todo tipo de material informativo sobre o assunto, como guias, revistas e catálogos. Foi então que decidiu abrir sua coleção para todas as pessoas na internet, e assim surgiu a ideia do MaCamp, ainda na época da faculdade, nos anos 2000.

Por amor e dedicação ao campismo, ele trabalha todos os dias no site em seu tempo livre, buscando acompanhar a rapidez com que ocorrem as mudanças no mundo dos campings que existem de norte a sul do País. A partir do conhecimento que acumulou ao longo de anos em sua experiência como campista, Pivari analisa, a seguir, a importância dessa modalidade turística que, apesar das dificuldades cresce aos poucos no Brasil, e como pode ser incentivada para expandir o turismo e o mercado de trabalho.

*

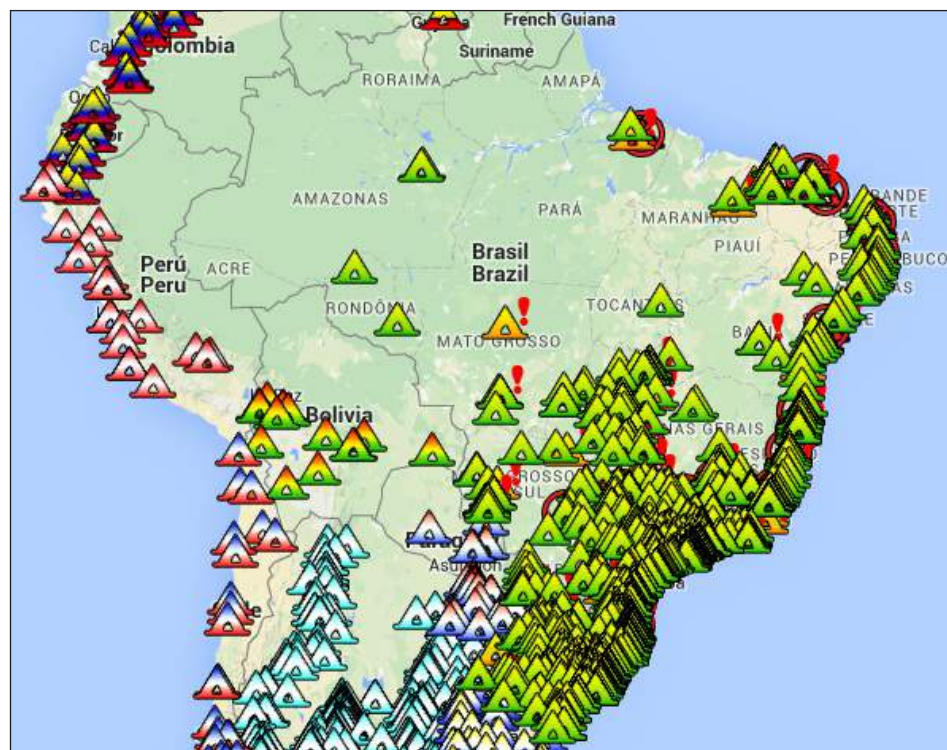
FETHESP – Como você mantém seu guia atualizado?

Marcos Pivari: Trabalho diariamente no meu guia de campings, buscando informações de todos os modos. Hoje as fontes que mais ajudam são as redes sociais, a participação de campistas levando informações, porque não se pode ir a todos, e a internet, porque alguns campings têm seus próprios sites. Trabalho no meu site apenas com os campings do Brasil, onde há aqueles que estão abertos, ou em situação incerta, que são campings que já existiram, mas não podemos falar que estão fechados por não sabermos a atual condição. Às vezes, já está fechado, e, às vezes, uma pessoa vai lá acampar e está tudo bem. E tem ainda um meio termo nesse quesito, porque a maioria dos campings fica meio vazia durante a semana, então, às vezes, a pessoa chega para acampar e o dono foi viajar, ou saiu para fazer compras, e o lugar está fechado. Um dia depois outro campista vai lá e fala que está tudo ótimo. Por isso um guia de campings é bem complicado de atualizar. Assim como eu, todos que trabalham com isso estão sujeitos a ficar com informações desatualizadas. Com isso consegui fazer o maior acervo de campings do Brasil atualmente, que tem muitas informações desatualizadas, sim, mas mesmo se estivessem todas atualizadas hoje, daqui uma semana já não estariam mais. Nosso trabalho é oferecer condições de proporcionar esta atualização ao máximo.

FETHESP – É tão rápido assim?

Pivari: É muito rápido, os campings abrem e fecham. Um tempo atrás, a edição do Guia da Revista Quatro Rodas, de 1990, por exemplo, fechava em novembro de 1989. Quando chegava novembro de 1990, você via que estava desatualizado e não podia reclamar, porque alguém poderia

alegar que a edição foi concluída em novembro do ano passado e, nesse período, alguns campings tinham fechado. Na internet, hoje, alguém fala para mim que existe um camping e me manda todos os dados, mas daqui uma semana ele fecha e uma pessoa acaba indo acampar lá. Ela vai ficar nervosa porque a informação está desatualizada. É para evitar isso que no meu guia todo está escrito para “entrar em contato com o camping antes de ir.”



Mapeamento dos campings existentes no território nacional revela maior concentração nas regiões Sul e no Sudeste do país

FETHESP – Quais informações no seu site podem ajudar quem tem interesse em começar a acampar?

Pivari: A primeira coisa para quem começa a acampar é o Guia de Iniciação, que desde o começo do MaCamp disponibiliza informações sobre o que é campismo, barracas, acessórios e como usá-los. Este ano nós implementamos um ainda mais completo. Ele fala tudo sobre o primeiro acampamento e com que coisas você precisa se preocupar. Muita gente acha que acampar é ir para o meio do mato, onde não tem chuveiro quente e tem que tomar banho de rio. Não é assim. Isso só faz quem tem gosto por este tipo de aventura. É folclórico ver uma pessoa, antes de acampar pela primeira vez, comprar uma barraca, um cantil, uma panelinha, um saquinho de Miojo e um saco de dormir. Ela não se lembra que é necessário levar papel higiênico, porque geralmente não tem em banheiro de camping, que é preciso levar sal, açúcar, uma lona para jogar em cima da grama. É aí que dá tudo errado, a pessoa volta para casa e nunca mais quer acampar.

FETHESP – Para acampar não basta apenas gostar de natureza, tem que se informar...

Pivari: Exatamente. Eu costumo fazer uma analogia assim: Alguém que vai pela primeira vez a um jogo de futebol e escolhe ir a uma final entre Palmeiras e Corinthians. A pessoa é palmeirense, passa na frente da torcida do Corinthians vestindo a camisa do Palmeiras, é hostilizada e depois fala “nunca mais vou a um jogo de futebol”. Ninguém vai fazer isso, porque todo mundo já viu pela televisão, pelos jornais e amigos o que pode acontecer. No campismo é a mesma coisa, só que não existe essa informação. E quando há é malfeita.

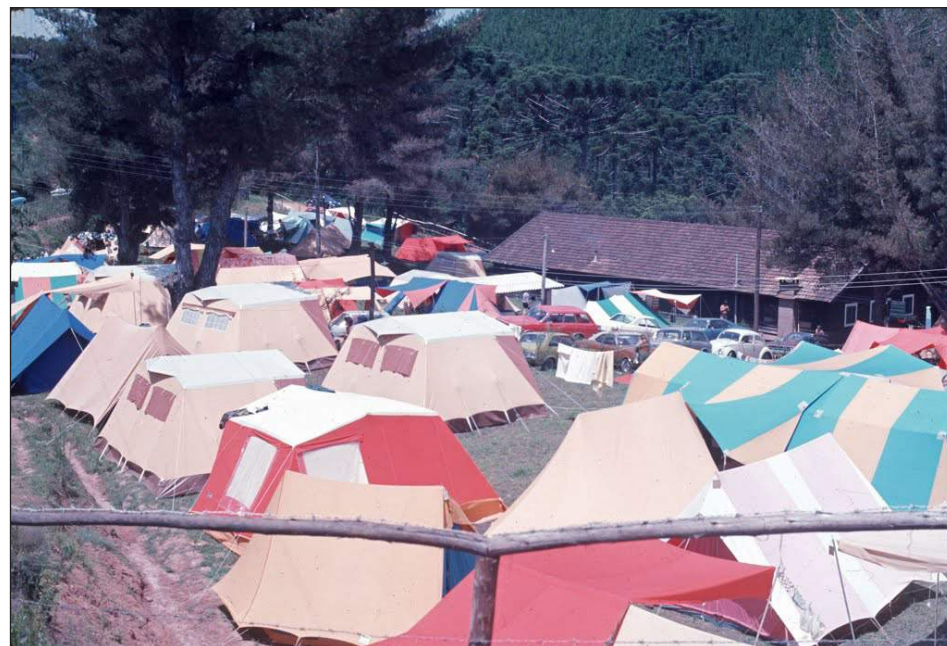
FETHESP – Como importante ferramenta de turismo, o campismo pode contribuir com geração de empregos no Brasil?

Pivari: Com certeza pode gerar empregos se você pensar na máquina geral, em levar mais turismo para as cidades. Por exemplo, se a cidade de Campos do Jordão/SP triplicasse a quantidade de hotéis que possui atualmente para receber as pessoas no ápice da temporada de inverno, todos ficariam lotados. Mas não se pode construir o triplo de hotéis, porque eles vão passar o resto do ano às moscas e vão acabar decaindo. Com os campings isso é possível, porque se você tem, por exemplo, um terreno muito grande, com baterias de banheiro e infraestrutura, o custo daquilo sem uso é muito pequeno. Então você pode deixar a grama crescer pelo resto do ano, cortando só em uma pequena parte e, quando chegar a alta temporada, cortar tudo, fazer uma manutenção geral na estrutura de luz, banheiro e pronto. Aí sim você conseguiria ter, por exemplo, 3 milhões de turistas, ao invés de 1 milhão, em Campos do Jordão. Pensando por esse lado, você consegue gerar muito emprego com o dinheiro que o turista vai levar para a cidade.

FETHESP – A capacitação de trabalhadores de camping pode tornar o campismo mais atrativo?

Pivari: Para um camping ser legal precisa ter estrutura boa e bem cuidada, e isso, dentro do turismo, qualquer hotel e pousada necessita. Ter um funcionário para cortar a grama, fazer a jardinagem, a pintura. No camping, uma das coisas mais importantes que existem antes disso é a

limpeza dos banheiros e a recepção ao público. Acho que não precisa de capacitação específica de campismo, é a mesma formação profissional dos outros equipamentos de turismo, como restaurantes e hotéis. São necessários funcionários que cuidem e zelem pela área em si, pela estética e funcionamento.



Camping de inverno na cidade de Campos do Jordão/SP, em 1974, década em que o campismo atingiu seu ápice no Brasil

FETHESP – Você vê nos grandes eventos que o Brasil sediou recentemente, como a Copa do Mundo e a Campus Party, alguma influência positiva no campismo?

Pivari: A gente classifica dois tipos de campismo: De aventura, que é aquele praticado no meio da natureza, como base para escalada, numa trilha, onde a pessoa queira fazer o passeio em si e usa o campismo como pouso. E existe o campismo familiar, que é aquele no qual se vai, por exemplo, para Ilha Grande passar o feriado com a família na barraca. Não vejo muito a Campus Party como campismo. É legal a pessoa falar que vai acampar, porque está dormindo em barraca, dentro de um pavilhão com um monte de barracas, mas para o campismo em si, do jeito que está hoje, acho que não influenciou muito. Já a Copa do Mundo influenciou muito, porque é exatamente por causa da falta de infraestrutura que existe em todas as cidades brasileiras que apareceu essa coisa toda.



Mar de barracas: Pavilhão do Anhembi durante a feira de tecnologia Campus Party 2013, realizada em São Paulo, capital

FETHESP – Os turistas sul americanos fizeram grande utilização de veículos de recreação...

Pivari: Falou-se muito mal dos argentinos que vieram com os trailers e fizeram churrasco na rua, primeiro porque o argentino é tido como inimigo natural do brasileiro e aqui se fala mal deles gratuitamente. O problema foi a falta de estrutura e qualquer pessoa faria o mesmo se fosse a um lugar com as mesmas condições. Então, por exemplo, no Rio de Janeiro existe o Camping Clube do Brasil no Recreio dos Bandeirantes, que é afastado da cidade e, embora seja uma área muito boa e grande de camping, não deu conta dos campistas. Acredito que lá ficaram um acampamento belga e um de outra nacionalidade. Eles saíram reclamando para todo mundo e entraram com representação em um órgão de consumidor. O que aconteceu é que o Camping Clube do Brasil fez com eles o que faz com qualquer campista, inclusive associados: Deu um clube sem infraestrutura suficiente, com baterias de banheiro quebradas, solo que não estava sendo bem drenado, e jogou todo mundo lá. Isso repercutiu muito mal no exterior.



Torcida argentina usou o sambódromo, no Anhembi, para estacionar seus veículos de recreação, como os motor homes

FETHESP – Será que ninguém imaginou que poderiam vir tantos caravanistas?

Pivari: Muita gente não só imaginou como já sabia. Eu passei três ou quatro anos respondendo e-mails, de muitos interessados em empreender ou em preparar para a Copa do Mundo. Houve empresas da Alemanha querendo fabricar motor homes aqui para vender e alugar durante a Copa, mas nada acabou acontecendo. Saber todos sabem, só que mal fizeram estádios para uma Copa do Mundo. Eles ficaram prontos um dia antes. Aqui, em São Paulo, na última hora arrumaram o Anhembi [para acomodar os turistas]. A Copa do Mundo estava prevista há anos, todo mundo sabia que a Argentina poderia chegar a uma certa fase e nada fizeram a respeito. Não tem o que falar. A repercussão foi muito ruim por causa disso.

FETHESP – Por que o campismo e o caravanismo na Europa, nos EUA, Argentina são mais fortes do que no Brasil?

Pivari: Cultura e infraestrutura. Em Portugal, por exemplo, a maioria das cidades tem, no mínimo, um camping para barracas e em muitas existe também um parking trailer, um estacionamento de RVs (veículos de recreação). Eles sabem que isso é importante para o turismo. Nos EUA, na década de 1990, existiam mais de 11 milhões de veículos de recreação. Se, ao invés disso, essas pessoas tivessem casas de veraneio ou estrutura de hotel, imagine o desmatamento que precisaria ser feito para acomodar todo mundo. Fora todas as questões de liberdade do turista. Ninguém defende que só deveriam existir campings, mas o campismo é muito importante para o cenário turístico. O europeu, americano, canadense sabem disso. Não é só por uma questão de cultura, é porque eles sabem da importância daquilo e que é importante incentivar. Na América do Sul também tem muito campismo e caravanismo, e o argentino é um dos mais fortes. Eles têm trailers e motor homes velhos, mas não se importam com equipamento, só querem curtir a viagem e, por isso, vieram naquelas jabiracas na Copa.



Família acampa de trailer no Parque Nacional Yellowstone, nos EUA, onde essa prática é permitida em parques nacionais

FETHESP – Como fazer para incentivar o campismo em um país que não tem essa identidade cultural?

Pivari: Primeiro eu acho que precisa haver um incentivo do Estado. Na hora que for interessante para a iniciativa privada querer fomentar, investir, fazer o campismo acontecer, isso vai ocorrer. Só que isso não se escolhe, eu acredito que é preciso alavancar e o Estado precisa incentivar com benefícios o campismo.

FETHESP – Por exemplo estabelecer uma linha de crédito para abrir campings?

Pivari: Isso seria legal. No mundo campista se ouve falar muito em linha de crédito para comprar um RV (veículo de recreação). Eu acho que para você montar um camping, sim. Segundo, acho que é preciso dar benefícios fiscais para quem gerencia um camping, porque, afinal de contas, ele pode estar contribuindo com o meio ambiente. É preciso mudar a legislação no sentido de regulamentar em parques nacionais e estaduais a

instalação de campings. A lei diz que você não pode ter camping em um parque nacional, por exemplo, apesar de existirem alguns que eu não sei como funcionam. É claro que você não pode ir a um parque nacional, em um lugar no meio do mato, montar uma barraca, dormir lá e fazer fogueira, mas todos eles poderiam ter uma sede de camping, pelo menos para barraca, com uma área plana, certa segurança, um cercado visual para delimitar a área e uma bateria de banheiros. Se for estender um pouco mais, seria legal ter uma cozinha comunitária e um lugar coberto para auxiliar o campista. Também poderia ser feito algum plano para parques municipais, pois antigamente existiam muitos e hoje em dia há poucos. Estes campings municipais são mais comuns no Rio Grande do Sul, porque é interessante para eles. Antigamente era de graça, mas não precisa ser, pode ser cobrado um preço simbólico, relativamente baixo e ter uma estrutura.

FETHESP – Mas para isso tem de haver uma regulamentação...

Pivari: Claro. Essa seria a parte governamental para incentivar. Outra coisa é o que nós fazemos, que é o trabalho de fomento, divulgação. Tudo isso eu acho que seria primordial. É preciso pensar também nos incentivos de equipamentos, porque na parte de barracas há muitas coisas importadas. O equipamento de caravanismo está relacionado à questão fiscal de automóvel e veículo automotor. Na Europa, os preços de um RV são muito mais baixos. Aqui se paga cinco vezes mais caro por um carro por causa de impostos e o mesmo carro na Europa custa cinco vezes menos. No Brasil, para se fazer um motor home (motor-casa), por exemplo, é preciso comprar o veículo, van, caminhão ou chassi de ônibus, colocar na empresa e ela vai fazer só aquele. Na Europa, a demanda é muito maior, o preço é mais baixo e uma empresa para fabricar, por exemplo, 400 veículos, busca o melhor fornecedor e compra 400 veículos, coloca na linha de montagem e faz um atrás do outro. Isso abaixa muito o custo. Aqui também precisaria existir algum tipo de incentivo para a indústria caravanista também. Outra forma seria beneficiar o campista em si, baixando o custo de equipamentos.



Veículos de recreação (RVs): 1- Trailer; 2- Camper; 3- Carreta-barraca; 4- Motor home; 5- Truck home; 6- Mini-trailer (teardrop)

FETHESP – Campanhas poderiam colaborar?

Pivari: Acho que a cultura se desenvolve, se for facilitada. Não precisa fazer campanha. Precisariam haver campanhas de educação em veículos próprios. Uma coisa que acaba com o campismo hoje em dia, por exemplo, são os aparelhos de som de carro e a ideia de “vamos acampar porque lá nós somos livres, não precisamos dar satisfação a ninguém e

vamos gastar pouco”. Então o sujeito vai ao camping, abre o porta-malas com caixas de som enormes ligadas no último volume e coloca uma carne na churrasqueira. Isso destrói o campismo mesmo, é um dos piores venenos da modalidade familiar hoje em dia.

FETHESP – Qual a diferença entre campismo e caravanismo?

Pivari: O campismo é a forma de turismo de contato com a natureza em que você leva seu próprio abrigo aonde for. Dentro disso existe o campismo nômade, o mais tradicional, que é o de barraca. E existe, dentro do campismo, a vertente do caravanismo, que engloba veículos de recreação: Carreta, carreta-barraca, motor home, trailer e camper.



Interior de um motor home. Mais comuns nos EUA, estima-se que na década de 1990 existiam mais de 11 milhões de veículos de recreação em território norte-americano

FETHESP - Você concorda com a afirmação de que a restrição ao transporte de trailers aos habilitados com Carteira Nacional de Habilitação categoria E, entre 1997 e 2011, foi determinante para o enfraquecimento do campismo?

Pivari: Não. Concordo em partes. Eu acho que é errado dizer que esse fator foi preponderante para a queda do campismo. Acho que isso colaborou para a queda do caravanismo no Brasil. Esse foi um dos fatores, mas vários outros contribuíram. O que comprova isso é que o trailismo voltou com força exatamente no momento em que o transporte para a categoria B foi liberado novamente em 2011 (Lei nº 12.452). Até os preços dos trailers pequenos, que são mais fáceis de serem rebocados por carros de passeio, mais que dobraram de preço de 2011 para cá. Junto com isso houve ainda, desde a década de 1980, a questão do preço do petróleo, condições das estradas, pedágios e também o número de equipamentos de hospedagem fixa: hotéis e pousadas, que vieram com preços muito mais baixos. O caminho que tomou o turismo, com agências possibilitando pacotes e preços menores, também favoreceu o fato de as pessoas não quererem acampar. Sem dúvida nas décadas de 1960 e 1970 muita gente acampava porque não tinha outra opção de se fazer turismo. Não tinham tantos aviões, voos baratos e as estradas não eram tão acessíveis como agora. É uma questão cultural e nós perdemos muito isso.

FETHESP – Prejudicar o caravanismo teve reflexo sobre o campismo?

Pivari: Muita gente que está no caravanismo começou no campismo, principalmente antigamente, porque na década de 1960 e 1970 começaram a ser fabricados os primeiros RVs, que são todos os veículos de recreação: trailer, motor home, camper, etc. Fazia parte de etapas a pessoa começar na barraca, depois ir para o trailer e motor home. Prejudicar o caravanismo também prejudicou esse ciclo. De qualquer forma é preciso deixar claro que o campismo de barraca ainda representa a ampla maioria, podendo eu “chutar” uma relação de 90% barraquista contra 10% caravanista.

FETHESP – Como é esse ciclo?

Pivari: Você começou na barraca, depois trailer, motor home. Um dos seus filhos vai pra barraca, depois trailer, motor home. No momento em que cessou sua liberdade de viajar de trailer com seus filhos, talvez eles não quisessem mais a barraca. Tanto é que os trailers na época, em 1997, ficaram presos nos campings, fixos, e viraram chalés. Os próprios campings perderam espaço no campismo e se tornaram villages, condomínios de chalés. Hoje, alguns campings, principalmente os mais conhecidos no Estado de São Paulo, da região de Itu e Cabreúva, têm muito mais mensalistas de chalés e trailers do que campistas. Agora é que está crescendo de novo. Este ciclo também acontece só na barraca. Família criada na barraca, os filhos depois de crescidos seguem acampando sozinhos.

FETHESP – Como está o mercado de RVs no Brasil?

Pivari: Está crescendo demais agora. Acho que cresceu algo em torno de 30% no ano passado. Há muitas fábricas de motor home, principalmente. As de trailer estão começando de novo. Hoje já existem pelo menos cinco fabricantes e isso está se expandindo.

FETHESP – Em sua opinião, o que precisa saber uma pessoa que quer abrir um camping?

Pivari: É preciso ter uma boa área com algum atrativo, seja natural ou não. Por exemplo, você pode ter um camping à beira da praia, longe da cidade, é um atrativo legal estar ali do lado. Ou então perto de uma montanha, uma escalada, um rio. Pode ser um camping inserido dentro de uma cidade, como o Rio de Janeiro, por exemplo, onde o atrativo não seria a praia, mas sim estar dentro da cidade. Há campings também com atrativos internos de um clube. Hoje, do jeito que a situação está, o proprietário precisa ter um terreno plano, gramado, onde haja certa segurança, um cercado, com bons banheiros.

FETHESP – Qual a preparação que o proprietário deve ter?

Pivari: Acho que é muito semelhante à preparação de outros equipamentos de turismo. Os fatores empreendedores, estudar o mercado, as questões financeiras, se preparar para gerir o fluxo de caixa. São as questões relativas ao turismo em geral, como acontece com alguém que

abre uma pousada, por exemplo. Mas gerenciar um camping, se você for comparar com outros, é mais fácil, é preciso administrar poucas coisas. Em um camping, basicamente, se você tiver uma bateria de banheiros e uma área gramada sempre bem cuidada, é o suficiente. Ter também uma cozinha comunitária, recepção, estacionamento, luz elétrica e água.



Camping na comuna de Kippel, no Cantão Valais, Suíça, localidade com cerca de 400 habitantes e dominada pela natureza

Wikimedia Commons

FETHESP – Você tem conhecimento sobre quanto o campismo movimenta em outros países?

Pivari: Em termos estatísticos, não. Na verdade, pesquisei muito o campismo brasileiro, mas os dados internacionais são impressionantes. Como eu disse, um país como Portugal, por exemplo, possui em quase todas as cidades um camping ou um parking trailer, pelo menos. As pessoas que geralmente viajam para os Estados Unidos e Europa ficam espantadas, porque em qualquer estrada você cruza com motor homes e trailers aos montes. Sei que o setor é muito forte nesses países. Existem informações não oficiais, por assim dizer, de que há regiões europeias e dos EUA onde, a cada dez famílias, de uma a quatro tem um RV em casa. Também já li sobre o fato que, depois da crise americana, os veículos de recreação teriam salvado a vida de muita gente, porque, culturalmente, o americano trabalha muito com crédito, então lá é difícil alguém ter uma casa própria quitada e não pendurada. O americano compra a casa e, depois que terminou de pagar, ele a hipoteca para pegar dinheiro. Em função disso, muitas pessoas perderam as casas e os veículos de recreação salvaram muita gente. Até hoje há pessoas morando em campings nos EUA.

FETHESP – É muito bom que exista essa opção...

Pivari: Sim, é legal que existam esses lugares. Tem muitos filmes e programas de televisão americanos que mostram essa questão cultural do americano. Existia um seriado chamado “Chips”, sobre dois patrulheiros rodoviários que andavam de moto e um deles morava em um motor home, em um parking trailer. Lá isso é normal. Era sensação nas décadas de 1970, nos EUA, e 1980 aqui. No Brasil, por exemplo, há muitas pessoas que moram no camping do Recreio dos Bandeirantes, inclusive famosas. Se não me engano, o baterista ou baixista de uma banda conhecida morou por muitos anos lá em uma carreta-barraca. Então aqui também existe um pouco disso.

“Explore o turismo, não o turista”